

## ***Ai de ti, Manaus: a “literatura menor” de Aldísio Filgueiras***

*Ai de ti, Manaus: the “minor literature” of Aldísio Filgueiras*

*Vinicius Alves do Amaral*

*Mestrando em História pela  
Universidade Federal do Amazonas  
viniciuscarqueija@gmail.com*

**Resumo:** Nosso objetivo é analisar as imbricações entre a obra e a experiência do poeta amazonense Aldísio Filgueiras, especialmente através do impacto dos projetos desenvolvimentistas e do autoritarismo. Representando seu tenso relacionamento com Manaus por meio de uma desterritorialização de teor fortemente político e coletivo, o artista pode ser encarado como produtor do que Deleuze e Guattari chamaram de uma “literatura menor”.

**Palavras Chaves:** Aldísio Filgueiras, Manaus, Poesia.

**Abstract:** Our objective is to analyze the imbrications between the work and the experience of Amazonas poet Aldísio Filgueiras, especially through the impact of development projects and authoritarianism. Representing his strained relationship with Manaus through a strongly political and collective content of deterritorialization, the artist can be seen as a producer of what Deleuze and Guattari called a “minor literature”.

**Keywords:** Aldísio Filgueiras, Manaus, Poetry.

Aldísio Filgueiras não poupa palavras quando se trata de Manaus. No longo poema chamado “Ai de ti, Manaus”, o poeta destila toda sua indignação para com a cidade. Em seus versos ele critica sua pretensão civilizatória e pede que ouça a pobreza de seus bairros. E conclui sua crítica da seguinte maneira:

& os homens bebem  
movidos a ódio cru  
para sonhar  
mas o sonho fede  
& tu cagas pra isso.  
Ai de ti Manaus  
não venhas chorar no meu ombro (FILGUEIRAS, 1994: 90).

O ressentimento é flagrante, mas essa não é a única emoção que move a poesia de Filgueiras. No mesmo livro em que encontramos sua áspera representação de Manaus, temos também uma sutil declaração de amor à cidade nos versos de *As muitas cidades*:

**232**

A cidade que existe em nós  
não se erigiu sobre  
cemitérios e índios.  
Não violou os espaços  
com pátrias e bandeiras.  
Não ultrajou meninas e meninos.  
Não estrangulou frutas e passarinhos.  
Não inventou o crime dos gabinetes.  
Não deu nome a fronteiras,  
Nem riscou sua intolerância nos mapas.  
Não decretou seu próprio declínio (FILGUEIRAS, 1994: 60-61).

Portanto, o poeta identifica na vivência de cada cidadão uma Manaus diferente, muito mais humana. Essa multiplicidade de cidades esbarra na, digamos assim, cidade oficial. A Manaus dentro de nós possui essa ânsia de ser materializada, mas não consegue competir com as exigências da Manaus concreta.

Refletindo sobre a obra de Filgueiras, Allison Leão Silva a qualifica como uma poética do choque. A construção dos versos cria uma expectativa que é rapidamente

contestada, para surpresa do leitor. Leão ainda aponta a fragmentação e agressividade da dicção do “menestrel do asfalto” como uma revanche à dinâmica cruel imposta pela cidade ao autor (SILVA, 2002: 74). Cidade essa afetada pela brusca introdução na lógica do capitalismo internacional desde a implantação dos projetos desenvolvimentistas previstos pela ditadura civil-militar para integrar economicamente o Amazonas ao Brasil.

Nosso propósito no presente artigo é analisar a poética filgueireana ao lado da experiência de seu autor, procurando compreender de que forma ambas interagem entre si. Recorremos aos três livros do poeta (*Estado de sítio, Malária e outras canções malignas e Manaus, as muitas cidades*) e a entrevistas com o artista e seus amigos, como escritor Márcio Souza.

Conforme alerta Pierre Bourdieu (2002), é preciso ficar atento ao esforço de produção de si que presidem os depoimentos e testemunhos porque eles imputam um sentido a uma existência que se desenrola de forma aleatória. Assim, identificamos na narrativa construída pelo poeta nas entrevistas um relato biográfico que toma a revolta como fio condutor, mas que em suas contradições revela uma faceta pouco contemplada do artista.

233

## Um estranho no ninho

Entre julho de 2012 e agosto de 2014 realizamos entrevistas com Aldísio Filgueiras sobre a relação entre a sua obra, sua vivência e a ditadura civil-militar. No que se refere à recepção ao golpe militar no Amazonas, o artista é enfático:

Agora a sociedade amazonense rendeu-se muito fácil á ditadura militar, rendeu-se muito fácil. Tanto que era fácil controlar. Mesmo a rebeldia da gente, do ponto de vista político, era muito bem controlada. Hoje eu sei disso. Era muito bem controlada. Eles faziam uma manifestação á noite, clandestina, só faltava sair como manchete no jornal. Porque todo mundo sabia quem era o cara! Parece que o DNA ficava ali, fulano de tal (FILGUEIRAS, 2012: s.p.).

Mas é preciso problematizar: que “sociedade amazonense” é essa? Na segunda entrevista ele tenta esclarecer o seu comentário: “Eu falo sociedade amazonense, mas principalmente com aquela advertência que acho que fiz antes pra você: é Manaus”

(FILGUEIRAS, 2013a: s.p.). Mas Manaus ainda é vago demais. Ele complementa: “O centro político do Estado” (FILGUEIRAS, 2013a: s.p.).

Ora, havia muitas afinidades entre os anseios da classe dirigente amazonense e os planos da ditadura. Na raiz dessa empatia estava a modernização conservadora que desde o declínio das exportações da borracha as elites regionais exigiam da União (OLIVEIRA, 2003: 51-57). Para aqueles que alcançaram o poder em 1964, desenvolver a Amazônia era uma necessidade estratégica. Lembremos que predominava entre os militares a visão da região como vazio demográfico preocupante do ponto de vista geopolítico. Na expressão do general Golbery do Couto e Silva (1967: 43), era preciso tamponar o deserto.

Uma série de medidas foi planejada para o Amazonas para incentivar a sua ocupação fundiária e seu desenvolvimento industrial. Com certeza, a Zona Franca de Manaus (ZFM)<sup>1</sup> foi a mais emblemática delas. Sua implantação fomentou forte êxodo rural e a reordenação do espaço urbano por conta do poder público, interessado em favorecer a circulação de mercadorias na até então pacata capital amazonense.

Aldísio Filgueiras acompanhou esse processo primeiramente como estudante do Colégio Estadual do Amazonas, tradicional instituição de ensino da elite local. O artista esclarece que destoava de seus colegas por conta de suas origens sociais: o pai era escrivão de polícia e a mãe havia trabalhado por um tempo no Departamento de Águas do Amazonas (FILGUEIRAS, 2014: s.p.). A família, no seu entender, pertencia a uma classe média pobre. A dedicação aos estudos era cobrada com muita força por seus pais, que desejavam ver o filho doutor (FILGUEIRAS, 2012: s.p.). Uma vez dentro do Colégio Estadual, cursando o ginásio, Filgueiras passa a se interessar pelo existencialismo, o marxismo e a literatura.

Em 1967, logo após concluir o ensino secundário, o jovem Aldísio entrou na Faculdade de Direito do Amazonas, atendendo ao velho sonho de seus pais. Contudo, após um ano e meio largou o curso e começou a incursionar pela imprensa. Já vinha

---

<sup>1</sup> O deputado Francisco Pereira da Silva apresentou na Câmara, em 1957, um projeto sobre a criação de um Porto Franco no Amazonas para combater o contrabando que predominava na região, principalmente por conta do porto de Letícia, na fronteira entre Brasil e Colômbia. O projeto veio a ser regulamentado no Congresso em 1960 com algumas alterações: a primeira delas seria a criação da zona de livre comércio ao invés de um porto. Em fevereiro de 1967, Castelo Branco acresce as mudanças que transformariam a ZFM num dos braços da Operação Amazônia, o que exige nova regulamentação, que findou somente em agosto do mesmo ano. No ano seguinte, os benefícios do livre comércio são estendidos ao Acre e ao território de Rondônia. Djalma Batista assinala que a receita tributária de Manaus após a instalação da ZFM teve um aumento de 52%, mas o intelectual também aponta que uma taxa crescente de êxodo rural também se iniciou por conta dela (BATISTA, 2007: 345-351).

contribuindo com poemas para suplementos literários desde o ginásio. Somente em 1968 tentou apresentá-los na forma de livro, intitulado *Estado de sítio*. O temor de angariar poderosos inimigos fez com que os responsáveis pela publicação desistissem da empreitada. *Estado de sítio* só foi publicado trinta anos depois.

Por conta disso, tradicionalmente se considera *Malária e outras canções malignas* (1976) como o primeiro livro de Filgueiras. Lançado junto com *Galvez, o imperador do Acre*, de Márcio Souza, que trabalhava na Superintendência Cultural do Amazonas, a publicação também gerou polêmica e resultou na demissão de Souza e seu amigo Joaquim Marinho, diretor do órgão na ocasião (SOUZA, 2014).

A própria trajetória artística de Filgueiras denota o enfrentamento com a ordem autoritária imposta pelo arranjo político-militar. Contudo, na narrativa oral construída pelo depoente a maior ênfase sempre recai sobre uma espécie de autoritarismo menor. Uma sanção presente tanto nas escolas quanto nas ruas. E o poeta ilustra esse aspecto com o seguinte evento:

Eu uma vez tentei tomar uma cachaça com limão durante o carnaval num barzinho na esquina da Barroso com Saldanha Marinho. Tinha um bar ali. O carnaval de Manaus era na Eduardo Ribeiro. E eu moleque, acho que eu tinha quatorze ou quinze anos, era menor de idade, eu lembro disso. E eu cheguei no boteco e aquela “macharada” toda tomando cachaça com limão. E eu fui lá pedir a minha dose. “Não, ninguém serve bebida pra criança”. Tinha essa coisa do início que eu falei pra ti. Os adultos tinham uma autoridade sobre as crianças. A cidade tinha um código de ética, de moral e de conduta. Que só de uma maneira muito eventual era transgredido. Um crime, qualquer coisa. Era um negócio realmente... era um evento. Era um evento. Não era hoje que isso é a coisa mais normal do mundo (FILGUEIRAS, 2013b: s.p.).

Na certa, a moralidade de que nos fala Aldísio não era exclusividade de Manaus. E evidentemente um crime não “é a coisa mais normal do mundo” hoje. O que se pode alegar é que a taxa de criminalidade tenha aumentado e não que a sociedade tenha desenvolvido uma empatia para com tal prática. A censura difusa a que se refere é uma característica da vida em comunidades relativamente pequenas.

Curiosamente, o poeta manifesta uma pequena ponta de saudade desse vínculo comunitário (especialmente desse lado mais humano do “código de ética” da época) quando dá entender no seu depoimento que ele também tinha um potencial benigno, a

saber, a colaboração na construção de uma identidade. Aos seus olhos tratava-se de uma sociabilidade que carregava em si o sentimento de pertencimento a uma comunidade e uma territorialidade, algo que se esfacelou com as medidas modernizadoras que a ditadura civil-militar encetou em Manaus.

Ainda que Filgueiras impute à sua narrativa um sentido de inconformismo constante existe na sua própria fala um contraponto a essa *persona* rebelde e polêmica. Estamos falando de um Aldísio que lamenta o fim da pequena Manaus de sua adolescência por conta da dissolução das normas comunitárias que a regiam. Trata-se de um Aldísio muito menos iconoclasta e mais ordeiro, que respeita, por exemplo, os desígnios de seu pai (o que explica a demora em contar a ele seu plano de não ser advogado) e que vê com preocupação a transformação da família atualmente<sup>2</sup>.

### A essência fantasmagórica

Em *Estado de sítio* há uma interpretação do golpe militar e há também uma interpretação da história do Amazonas. Evidente que essa releitura é efetuada através de pressões sociais do momento de tessitura dos poemas.

Em *Dos investidores da Amazônia* o poeta interliga dois significados que o verbo investir pode assumir: o ato de empregar capitais acaba se tornando sinônimo de atacar algo ou alguém (FILGUEIRAS, 2004: 64). Os investidores em questão não são especificados.

Encontramos uma situação diferente em *Recém-poema* onde o personagem é identificado de primeira: o seringalista, aquele que se popularizou no imaginário local e nacional (em boa parte graças à literatura) como o despótico “coronel de barranco”:

entre o mar

e

a montanha

coronéis de barranco

mordiam rios

---

<sup>2</sup> “Antes tinha alguém que podia ficar tomando conta de criança. Hoje você tem filho pra quê? Pra deixá-lo numa creche e só vê-lo de noite, e só vê-lo de manhã. Pra quê diabo você quer filho? Pra que serve filho hoje? Antes tinha uma preocupação, um objetivo. ‘Vou ter filho porque eu quero que família cresça dessa maneira e tal, tal’” (FILGUEIRAS, 2013a: s.p.).

cuspiam pedra  
 pelo canto da boca  
  
 e eram tamanhos  
 gigantes  
 diante dos homens  
 entre o mar  
 e  
 a montanha (FILGUEIRAS, 2004: 67).

Entre o mar e a montanha, entre o Oceano Atlântico e a Cordilheira dos Andes, vivem esses seres que retalham a natureza quase como deuses. A abordagem do seringalista aqui é mítica, comparando a sua força tanto nos seringais como no imaginário amazonense com a de criaturas fantásticas. Os verbos estão no pretérito (“mordiam”, “eram”) revelando que estas figuras pertencem ao passado, a uma temporalidade primitiva e quase imemorial.

Em *Informação do Amazonas*, o poeta retrata a região como um local no limite da realidade, onde os mitos proliferam mais pelo medo que propriamente pela ignorância. Pode ser que no presente os senhores do Amazonas não sejam mais gigantes prepotentes refugiados em seringais, mas “doutores”, soldados norte-americanos e militares, mas a situação continuaria a mesma. Restaria à “gente miúda” um eterno retorno ao abandono e a exploração. Se valendo da interpretação mitológica, o Amazonas se encontraria então acorrentado a uma rocha e condenado a ser mutilado diariamente por uma ave de rapina.

O que poderia romper as correntes? O que poderia acabar com a “povo-ação do medo”? Curiosamente, infere-se que a solução passaria pela própria modernidade. Não a modernidade-algoz, mas a modernidade-libertadora. Não é o utilitarismo e todo fundo liberal da economia política que Filgueiras reivindica, mas o legado iluminista do Ocidente onde figura o ideal de democracia moderna e cidadania.

Porém, esse conteúdo da modernidade parece inacessível ao Amazonas. Certamente o fato não se deve ao isolamento geográfico, mas a um processo histórico que situou a região à margem da margem do Ocidente. E nesse ponto a poética filgueireana parece mudar para a velha discussão sobre as “ideias fora do lugar”<sup>3</sup>. A cidadania seria objeto

<sup>3</sup> Em 1973, o crítico Roberto Schwarz publicou o artigo “As ideias fora do lugar” onde, por meio de uma análise do fundo social da obra de Machado de Assis, se perguntava como pode o liberalismo coexistir no Brasil ao lado da escravidão, uma instituição radicalmente contra todos os princípios da ideologia liberal.

de luxo no Amazonas para todo sempre? Estaríamos condenados às sobras ideológicas da sociedade ocidental por conta de nossa formação colonial?

Em *Malária e outras canções malignas* (1976), Filgueiras radicaliza na linguagem e afunila na crítica. O livro parece focado muito mais no presente, a saber, a implantação dos grandes projetos e o crescimento acelerado da capital amazonense. Sendo fiel ao título do livro, a estrutura do poema beira o alucinógeno:

1-o fantasma raivoso do índio CENSURADO

jura bandeira

resmunga

as nações unidas

o planeta

o dialeto maldito dos jovens

cabelos compridos

hálito manso de raízes magnas.

2 – malária

3 – sua lua é forte

4- figura de águas claras: lâminas & olhos & desertos (FILGUEIRAS, 1996: 3).

Concentremos primeiramente no “fantasma raivoso do índio” censurado que jura a bandeira. Seria ele um fantasma por ter sua identidade reduzida a um espectro cultural diante do ufanismo? Seja como for, ele ainda resmunga sobre coisas além de sua realidade, como as “nações unidas” e o “dialeto maldito dos jovens de cabelos compridos”. Mas será que estes são elementos tão distantes assim de sua vida? Não simbolizariam estas coisas (nações unidas, planeta) a mensagem de solidariedade e sustentabilidade que os povos tradicionais amazônicos carregavam e que agora entravam em pauta no “dialeto maldito dos jovens de cabelos compridos”?

---

Enquanto Schwarz credita à sociedade brasileira uma lógica de desfiguração de ideais exógenas, a historiadora Maria Sylvia Carvalho Franco no artigo “As ideias estão no seu lugar” (1976) argumenta que essa degeneração é algo próprio da dinâmica capitalista. Ou seja, não haveria uma exterioridade entre a sociedade europeia e a sociedade brasileira, porque ambas estariam ligadas pelo mesmo modo de produção: o capitalismo. Essa discussão envolveu muitos intelectuais no decorrer dos anos, e há mesmo aqueles que digam que nomes como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Oliveira Viana e Caio Prado Júnior, dentre outros autores, já preconizaram em seus escritos tal reflexão. Ainda assim, os textos de Schwarz e Franco denotam os principais posicionamentos que os intelectuais vêm assumindo nessa questão (RICUPERO, 2008: 31-64).

A seguir, após a doença ser nominada, evocada, apresentada, há um pequeno enxerto que se assemelha a frases de horóscopo (“sua lua é forte”) e logo depois temos uma “figura de águas claras” que pode apontar para o resultado da falta de visão dos dirigentes: o homem, munido de instrumentos letais (lâminas) e sob os holofotes (olhos), limpa a natureza (desertos). Ou estaria esse homem contemplando o resultado da destruição ou seria essa (a destruição) uma previsão tão clara como a água?

No decorrer das “árias do mal” (mal + ária), o “fantasma do índio” é mandado para um pedaço de terra exíguo para sobreviver, executado por um penúltimo ofício de uma “corte/puta velha no assunto” podendo ser índio somente aos domingos e feriados e depois catequizado por jesuítas (FILGUEIRAS, 1996: 5-9). No penúltimo item/verso do poema ele se encontra já nos quadrinhos, possivelmente sobrevivendo somente como lenda ou elemento do imaginário popular.

Mas antes mesmo de passar por essas sucessivas fases de descaraterização, o índio já chega ao poema como um espectro, como se já houvesse passado por uma desfiguração anterior. E eis aqui um dos maiores diferenciais da poesia filgueireana: enquanto para muitos autores locais a identidade amazonense deveria ser perseguida e expressa de maneira adequada, com as devidas concessões ao diapasão universalismo/regionalismo, para o autor de *Estado de sítio* é muito mais interessante abordar uma não-identidade.

Para ficarmos apenas em dois exemplos, Elson Farias e Jorge Tufic, poetas consagrados no campo intelectual amazonense já nos anos 60, propunham atingir uma essência latente, uma “amazonidade”, em seus versos. O primeiro tornou-se conhecido e admirado principalmente pela profissão de fé ribeirinha presente no seu livro de estreia, *Barro verde* (1961):

Me assumi no barro  
de capim e esterco  
para o canto fresco  
das manhãs de várzea.

Força-me no verso  
-alguidar polido-  
o cuidar do canto  
e o talhar de estátuas.

Verde serás sempre

e compreenderás  
o meu verso limpo  
de capins crivado (FARIAS, 2005: 19).

Nas obras subsequentes, Farias tentou constituir uma sensibilidade cabocla pautada por imagens naturais e pela musicalidade. Tufic perseguiu esse objetivo com mais ênfase na década de 1980 (TUFIC, s.d.: 59). Ao lado de Farias, ele configurou para o crítico Benedito Nunes uma vertente mais mitológica dentro da poesia nacional, dado a sua incorporação de motivos do universo indígena (NUNES, 1991: 182). Ainda que escolham alternativas diferentes, Farias e Tufic partilham do mesmo intento de Filgueiras: descolonizar a expressão.

Em uma palestra proferida por Filgueiras, em 1985, sob o título de “Literatura e poder” ele trata desse assunto mais uma vez. Agora sob uma perspectiva mais analítica que poética. Dirigindo o seu olhar para a produção literária local e pensando a partir de sua experiência e suas leituras ele chega à conclusão de que o escritor amazonense está envolto em um enorme compromisso, uma missão e uma opção:

**240**

Precisamos estar atentos como escritores e enfiar o nariz onde não somos chamados para resgatar a linguagem, a tradução do que nos é negado há muito e muito tempo. Para devolvermos ao povo as lições que ele mesmo nos dá precisamos desoir [sic] as máscaras com que nos habituamos a mentir para nós mesmos. A Amazônia já esgotou o seu repertório de contemplação. Não é nem paraíso nem inferno verde. É um poderoso desafio. (...) A língua portuguesa tem mais de 100 anos de dominação na Amazônia, como idioma e pensamento oficiais. Está cheia de vícios e erros. Ainda é uma língua que nos trai. Todas as grandes literaturas foram forjadas nesse impasse (FILGUEIRAS, 1985: 54).

Trata-se de uma comunicação apresentada a uma plateia universitária, por isso, o pendor iconoclasta característico de Filgueiras dá espaço a uma argumentação mais sóbria. Conclama-se o jovem artista a encarar o dilema e não a contorná-lo. A dizer pelas reflexões recentes no interior da comunidade acadêmica o desafio foi acolhido pela universidade<sup>4</sup>. O filósofo José Alcimar de Oliveira (2002: 36), por exemplo, parece ecoar

---

<sup>4</sup> Em 1909, o Clube da Guarda Nacional conseguiu transformar o pequeno liceu fundado por eles no ano anterior em uma instituição de ensino superior, uma das primeiras do país. Em 1911 ela recebeu o título de

as palavras de Aldísio quando afirma que “pensar a história da cultura amazonense, suas contradições, seus limites e possibilidades, impõe-se-nos (sic) como dever de consciência, como um imperativo ético-político” (2002: 36).

A propósito, como Aldísio Filgueiras descoloniza a expressão amazonense, ou seja, como ele resolve o impasse citado acima? Parece que diante de uma “língua que nos trai” ele optou por constituir seu próprio idioma. É o que também defende Márcio Souza em sua análise da primeira obra do poeta:

Beirando a incoerência, usando sinais de pontuação como substantivos ou adjetivos, a linguagem de Filgueiras marca um corpo a corpo com a própria língua portuguesa. No dorso dessa tradução enlouquecida, desta traição sem traídos, verte uma única identidade que é a despersonalização da Amazônia num esmagamento repressivo chamado integração (SOUZA, 1977: 182).

Ou seja, há uma continuidade entre a indefinição do poeta e a instabilidade de sua poesia. Sua experiência como elemento em via de desagregação numa sociedade conservadora e sincrética se traduz na sua linguagem.

Geralmente, nos versos de Filgueiras não há pontos finais nem letras maiúsculas. Talvez o poeta queira com isso dizer que sua mensagem permanece suspensa. Seu canal de comunicação não foi fechado. As palavras são decompostas, às vezes por conta de sua sonoridade. A disposição gráfica dos versos também é oscilante. Não é de se admirar que toda essa composição assuste os leitores menos experientes. Alie a isso o fato de o autor referir-se a elementos bem particulares do universo manauara, transformando-o num enigma para leitores vindos de fora da cidade.

Num fragmento de *As muitas cidades*, quando o eu lírico fala da explosão populacional e do surgimento da periferia (“a cidade fabrica/bairros/ quando não se suporta/e não cabe em si mesma”), esse último aspecto fica bem perceptível:

Aí, Manaus é Manoa

---

Universidade Livre de Manaus. Já dispunha dos cursos de Ciências Jurídicas, Agronomia, Odontologia e Farmácia. Em 1926, começa a crise. Seus quadros foram reduzidos. Odontologia, Agronomia e Direito funcionavam como instituições de ensino superior separadas. Anos depois só sobraria a Faculdade de Direito (BRITO, 2004: 17). Durante os anos 50 foram criadas mais duas faculdades estaduais, Ciências Econômicas e Filosofia e Ciências Sociais. Em 1965, as instituições de ensino superior foram fundidas dando origem à Universidade do Amazonas (UA), que passou a se chamar Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Até a segunda metade da década de 1990, a UFAM representou a principal instância de discussão acerca da identidade amazônica através de seus departamentos de Ciências Sociais.

Aí, Manaus é Cidade Nova

Aí, Manaus é Zumbi dos Palmares

Aí, Manaus é Santa Etelvina

-a que morreu sem deixar herança.

Aí, Manaus é Manaus:

Uma questão de sentido.

Jamais a cidade que existe em nós (FILGUEIRAS, 1994: 68).

Os nomes citados acima aludem aos bairros instalados nos arrabaldes da cidade no decorrer dos anos 80. Mas isso pode ser presumido pelo leitor que não conheça Manaus. O que foge à sua compreensão é a ironia implícita na construção dos versos, a “questão de sentido”.

Nas últimas linhas a ordem construída por Filgueiras se inverte: antes, Manaus vinha sempre primeiro que seus novos bairros, mas agora é precedida por Manaus, a grafia antiga da capital amazonense que se multiplicou nas fachadas de prédios oficiais e casas comerciais pela cidade durante o *boom* da borracha. Ou seja, todos estes espaços são subordinados a esse velho ideal eurocêntrico de cidade, que na passagem do século XIX para o XX também empurrou elementos classificados como indesejáveis pelo discurso higienista e urbanista para longe do centro, como Edineia Mascarenhas Dias (1999) demonstrou em seu estudo pioneiro.

242

### **A pequena grande arte**

A dizer por um raro fragmento autobiográfico presente num discurso bem posterior, Filgueiras sentia na pele o drama da desfiguração cultural:

Aos 18 anos de idade, ou bem antes ou bem depois, eu decidi ficar em Manaus. Alguma coisa em mim se formou e moldou numa dualidade com que eu convivo: eu detesto sair de casa, e no mesmo grau de intolerância, detesto voltar para casa. (...) Gosto desse tipo de problema. Ser e não ser. É o que me alimenta. Mas isto não é missão, é opção (FILGUEIRAS, 2007: 145).

O ser e não ser aqui está muito além de uma reminiscência shakespeariana. Ele diz respeito a esse dilema promovido pela sua formação: ainda que o lastro cultural da sua família seja amazônico, a educação humanista que adquiriu no Colégio Estadual do

Amazonas era dominada em boa parte pelo legado cultural do Ocidente, especialmente da Europa. Ele passa a oscilar entre categorias tidas como únicas e irredutíveis: o regionalismo e o cosmopolitismo. Como ser moderno sem deixar de ser amazonense? Como não se transformar num “fantasma de índio”?

A angústia que movimentava o jovem Aldísio parece ser encarada hoje com alguma resignação. No discurso essa delicada dualidade, que o faz se definir pela indefinição, desponta como “opção” e não “missão”. Ou seja, ela é representada pelo poeta maduro como uma escolha consciente e não mais uma angústia juvenil. Mas reparem: as primeiras indeterminações profissionais (o não querer) passam ao final da década de 1960, porém as inquietações existenciais (o ser e o não ser) perduram e se reconfiguram.

Em *Manaus as muitas cidades* (1994), Filgueiras coloca a questão desse não-ser- sendo do seguinte modo:

Eu que fui tribo,  
família, me reduzo  
a indivíduo de rua  
sem fonte de referência  
--uma estatística a mais  
ou a menos não vai  
mudar o destino  
(FILGUEIRAS, 1994: 152).

243

A família, a comunidade com que tanto lutou na juventude, já surge como elemento fundamental de constituição de uma identidade, como fonte de referência e de resistência à massificação do homem. Portanto, a questão da “não-identidade” leva Filgueiras a lidar com o conceito de indústria cultural, tão caro à Teoria Crítica de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Para os citados filósofos alemães, o efeito colateral mais visível da modernidade foi uma nova sujeição disfarçada de democratização dos bens culturais que o capitalismo passou a investir no século XX (ADORNO & HORKHEIMER, 2002).

O compromisso com a descolonização da sensibilidade amazonense permanece nas obras recentes de Filgueiras, porém não mais sob a égide de uma luta contra o projeto homogeneizador e arbitrário da ditadura civil-militar. A nova face da indústria cultural seria a globalização. Sob o discurso do multiculturalismo, a imposição de valores exógenos. E como resultado disso, a acomodação dos leitores. O poeta manifesta seu

descontentamento com essa situação quando menciona a indiferença do público quanto à sua primeira obra.

Embora tenha se destacado como jornalista com passagem pela redação dos principais títulos da cidade e até mesmo pelo comando do sindicato da categoria, Filgueiras se dedica muito mais à poesia. Sua média de livros publicados aumentou consideravelmente.

Em *Nova subúrbios* (2006) o olhar do artista se concentra nos bairros periféricos de Manaus. Ele inicia parafraseando um velho agricultor retirado de determinado terreno por causa de uma ação de reintegração de posse: “nós não temos mais lugar para sermos expulsos” (FILGUEIRAS, 2006: 13). A própria estrutura do livro procura representar o movimento migratório que origina os bairros: os primeiros elementos que surgem são as águas do rio, o porto e, enfim, a rua (FILGUEIRAS, 2006: 21). Da rua o poeta contempla o avanço do pentecostalismo, a gentrificação e a precariedade social e sexual das famílias que integram a periferia.

Pelo percurso do poeta e de sua obra, acreditamos que seja possível qualificar a poética filgueireana como uma “literatura menor”. Não estamos com isso menosprezando a produção de Filgueiras. Muito pelo contrário. Empregamos o termo aqui com a conotação especial conferida a ele por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Analisando a prosa de Franz Kafka, os filósofos enxergaram uma dicotomia poderosa entre a obra do escritor tcheco, permeada por temas e uma linguagem peculiares, e o que vinha sendo produzido e reconhecido como legítimo no interior da literatura alemã, na qual que ele se inscrevia (a Tchecoslováquia pertencia ao império germânico). Kafka destoava dos projetos de identidade nacional que irrigavam a intelectualidade alemã porque representava uma minoria, os judeus tchecos. O autor de *A metamorfose* é tomado como um exemplo crucial da importância da literatura enquanto expressão mobilizadora, ou na expressão dos filósofos, de agenciamento coletivo.

Para Deleuze e Guattari, a literatura em si é uma poderosa arma na constituição de identidades. Não porque ela decifra uma essência latente que repousa no povo, que segundo a perspectiva romântica dos intelectuais comprometidos com a construção nacional não estavam aptos para traduzi-las, mas porque ela reinventa enunciados e com isso relações:

(...) é a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem de sua frágil comunidade, essa situação o coloca

ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE & GUATTARI, 1977: 27).

Nesses termos, A “literatura menor” designa então aquela criação situada às margens do corpo nacional e literário. Porém, ela só se configura como tal por conta de três fatores: a desterritorialização, o fundo inescapavelmente político e o teor coletivo em seus enunciados (DELEUZE & GUATTARI, 1977: 28). No que diz respeito a Kafka, a ambiguidade de pertencer à tradição judaica e ao império alemão gerava esse sentimento de não pertencer a nenhum nem outro, enquanto o foco nos conflitos familiares e o amparo em outros escritores apontavam justamente para uma discussão política e coletiva velada.

Deleuze oferece mais importantes subsídios para se pensar uma “literatura menor” quando comenta ainda que brevemente a obra do poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud. Nesse texto, o filósofo reivindica a literatura menor como um antídoto ao delírio da literatura *mainstream*, dedicada a reduzir as singularidades a um modelo uno de povo. Antídoto esse que por sua transgressão das fórmulas convencionais pode se assemelhar a um delírio (DELEUZE, 1997: 15).

Em Filgueiras o dilema do não-ser, fruto de uma experiência de desterritorialização a um só tempo individual e compartilhada (com indígenas, ribeirinhos e membros da periferia), e a sua desconstrução do português para criar uma dicção própria permitem que enxerguemos sua obra como uma “literatura menor”. Importante dizer que em *Estado de sítio* a questão da mutilação cultural ofusca a decomposição idiomática, enquanto em *Malária* a situação se inverte. Nos livros posteriores a tensão linguagem e experiência parecem alcançar certo equilíbrio.

O lugar do eu literário também se altera. O poeta-observador e o poeta-personagem se revezam em *Estado de sítio*. Eles também estão presentes em *Malária*, mas não no poema que dá título ao livro, tão oculto que está graças à estrutura de tópicos aparentemente desconexos. Mas em *Manaus as muitas cidades* o indivíduo se reveza com o “nós” constantemente. Em *Nova subúrbios* questiona a sua própria intencionalidade:

A palavra me inventa  
e me devora. É minha  
presença que se quer

deixar num papel inscrita  
(para quê?)  
como se eu, o próprio  
de mim e egoísta  
pretenda ser o leitor  
isento mas não atento  
dessa revista  
do outro lado da vida (FILGUEIRAS, 2006: 29)

Para Deleuze a proliferação de “eus” é essencial para despertar o “nós potencial” e com isso garantir o agenciamento coletivo da “literatura menor” (DELEUZE, 1997: 13). Karl Erik Schollhammer ressalta que esse procedimento inaugura uma forma de engajamento menos dogmático, muito menos ligado ao “conteúdo ideológico” e mais com “a performance enquanto uma máquina expressiva” (2009: 64). Ou seja, tal prática exige uma grande responsabilidade tanto do autor quanto do leitor, afinal somente através dessa constante participação literária, seja escrevendo ou interpretando, se cultiva um novo povo.

246

### Considerações finais

Operando por meio de intrincados códigos de significação que garantem ao sujeito que escreve um lugar amorfo (indispensável para tornar sua obra subversiva), a literatura de Aldísio Filgueiras se diferencia das narrativas orais coletadas. Nelas o depoente procurou reafirmar a singularidade de sua existência. Mesmo diante de perguntas espontâneas, Filgueiras concedia respostas pautadas por certo grau de elaboração que não deve nada à engenharia dos seus versos.

Ainda que o caráter e a técnica dessas duas modalidades de expressão conservem uma boa distância entre si, há algo que as aproxima: a experiência de Aldísio Filgueiras, transmitida por seus depoimentos e por sua obra poética, permite que repensemos a trajetória de uma cidade que sofreu poderosas transformações nos últimos quarenta anos. A maioria delas veio sob a égide da ditadura civil-militar, negligenciando a natureza e as tradições culturais amazônicas em nome do progresso econômico. Curiosamente, a redemocratização não conseguiu interromper esse processo. A persistência de um modelo

de desenvolvimento que prima pelo enriquecimento fácil e a destruição continua a gerar uma Manaus cada vez mais distante da “cidade que existe em nós”.

Nesse sentido, nada mais emblemático (e filgueireano) que a extensa cortina de fumaça das queimadas que vem encobrendo a capital amazonense e cidades circunvizinhas desde meados de setembro de 2015, dificultando não só a respiração de seus habitantes como também a distinção do dia e da noite e, quem sabe, de si mesmos.

## Fontes

- FILGUEIRAS, Aldísio (2004). *Estado de sítio*. Manaus: Uirapuru.
- \_\_\_\_\_. (2007). Discurso de posse. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Manaus, n. 27, pp. 145-147, jan.
- \_\_\_\_\_. (1985). Literatura e poder. In: GRAÇA, Antonio Paulo et. ali. *Arte e delírio: reflexões sobre a cultura no Amazonas*. Manaus: Diretório Universitário da Universidade do Amazonas.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Malária e outras canções malignas*. 2 ed. Manaus: EDUA.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Manaus, as muitas cidades*. Manaus: Edição do autor.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Nova subúrbios*. Manaus: Editora Valer/ Prefeitura de Manaus/ EDUA/ Uninorte.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Aldísio Gomes Filgueiras*. Depoimento [03 Jul. 2012]. Entrevistadores: Francisca A. F. da Silva, Maurílio F. Sayão e Vinícius A. do Amaral. Manaus: Amazonas em Tempo (sede).
- \_\_\_\_\_. (2013a). Depoimento [03 Abr. 2013]. Entrevistadores: Francisca A. F. da Silva e Vinícius Alves do Amaral. Manaus: Amazonas em Tempo (sede).
- \_\_\_\_\_. (2013b). Depoimento [13 Nov. 2013]. Entrevistador: Vinícius Alves do Amaral. Manaus: Casa do entrevistado.
- \_\_\_\_\_. (2014). Depoimento [28 Ago. 2014]. Entrevistadores: Sarah dos Santos Araujo e Vinicius Alves do Amaral. Manaus: Sede do Amazonas Em Tempo.
- SOUZA, Márcio Bentes de (2014). *Márcio Souza*. Depoimento [01 Set. 2014]. Entrevistadores: Sarah dos Santos Araujo e Vinicius Alves do Amaral. Manaus: Manauscult.

247

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max (2002). *A indústria cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- BATISTA, Djalma (2007). *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2 ed. Manaus: Editora Valer/ EDUA/ Inpa.
- BOURDIEU, Pierre (2002). A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 183-191.
- BRITO, Rosa Mendonça (2004). *Da Escola Universitária Livre de Manaós a Universidade Federal do Amazonas*. Manaus: EDUA.
- DELEUZE, Gilles (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34.

- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix (1977). *Kafka: para uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- DIAS, Edineia Mascarenhas (1999). *A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Editora Valer.
- FARIAS, Elson (2005). *Barro verde*. 2 ed. Manaus: Editora Valer/ EDUA/Governo do Estado do Amazonas/Uninorte.
- NUNES, Benedito (1991). A recente poesia brasileira: expressão e forma. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n.31, pp. 171-183, out.
- OLIVEIRA, José Alcimar (2002). *Cultura, história e memória*. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas.
- OLIVEIRA, José Aldemir (2003). *Manaus: 1920-1967 – A cidade coce e cura em excesso*. Editora Valer/ Editora da Universidade do Amazonas/ Governo do Estado do Amazonas: Manaus.
- RICUPERO, Bernardo (2008). *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. 3 ed. São Paulo: Alameda.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik (2009). As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari. *Ipotesi*, Juiz de Fora, vol. 5, n. 2, pp. 59-70.
- SILVA, Allison Leão (2002). *A cidade que existe em nós: a marca do urbano na poesia de Aldísio Filgueiras*. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura). Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- SILVA, Golbery do Couto (1967). *Geopolítica do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SOUZA, Márcio (1977). *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Ômega.
- TUFIC, Jorge (s.d.). *Existe uma literatura amazonense?* Manaus: União Brasileira dos Escritores.

*Artigo recebido em 24 de agosto de 2015.*

*Aprovado em 19 de outubro de 2015.*

DOI: 10.12957/intellectus.2015.20989